

O homem que um dia pariu

Josimey Costa da Silva

Era uma situação completamente absurda, para não dizer dramática.

Ele, agora, trazia dentro da barriga não uma mera criança, o que já seria espantoso. Obviamente, seu corpo não havia sido feito para conceber, muito menos para parir. À distância, todo o processo sempre lhe lembrara uma enorme deformidade corporal, que progredia rapidamente para um desfecho violento, desencadeado inevitavelmente pela dor. Uma dor que não parava nunca, constantemente renovada pela própria natureza no corpo que tentava em vão retornar à forma antiga, no leite extraído invariavelmente à força, na vida transmutada numa eterna subserviência a outro ser.

O que havia ali, em sua barriga e que ainda não podia ser notado pelos outros, era como se fosse um enorme olho. Um olho que via, silenciosamente, tudo. *A partir de dentro*. Portanto, nada havia que ele lhe pudesse esconder. Seus mínimos pensamentos, seus sentimentos mais abjetos e abafados, tudo, *tudo* aquele olho acompanharia, absorveria. E guardaria para cobrar a fatura mais tarde.

Esse fato apenas já era suficientemente ruim. Mas não ficou isolado.

Em pouco tempo, a barriga começou a crescer, fazendo impossível o disfarce daquela situação intolerável. E logo ele passou a sentir *aquilo*. Estava sozinho quando, de repente, uma parte do seu corpo ganhou movimento independentemente de sua consciência e vontade. Como num filme de terror dos mais baratos.

A princípio, ele não fez nada. Apenas aguardou, pétreo. Então, aconteceu de novo. Ele olhou, incrédulo, para a própria barriga, que não demonstrava a revolução que acontecia em suas entranhas moventes. Depois, olhou ao redor, procurando um modo de sair daquele pesadelo. Mas não havia escapatória. Não podia arrancar aquilo de dentro da alma, nem abandonar o próprio corpo para deixar de sentir aquele motim interno. Mas era tudo o que ele queria: sair de si mesmo, voltar a comandar seus próprios movimentos, ser dono, sozinho, de cada pedaço do seu eu. Gritou. Todos ouviram. Porém, *não havia escapatória*, nem como compartilhar aquele espanto.

Lembrou-se de uma vez em que, quando menino, quis escorregar num imenso tobogã, o maior que já chegara à sua cidade. Ao alcançar o topo, olhou para o abismo de listas coloridas que começava a seus pés. Era altíssimo e assustador. Quis retroceder, mas a escada, muito estreita e completamente cheia de crianças e adultos ansiosos por escorregar, não permitia volta. Ele *só podia descer*. Ele não queria, mas *tinha* que cumprir aquele desagradável percurso até o fim.

Sentia-se exatamente assim agora. E a descida já tinha começado.

Mudou-se da cidade, foi para um sítio no interior, distante de tudo o que conhecia e que naquele momento não conseguia amar. O tempo foi passando. Ele tinha decidido viver um dia de cada vez, sem maiores conjecturas sobre o seguinte. Dizia para si mesmo que um pedreiro age assim, pensando apenas no tijolo que está fixando sobre a massa. Se pensar sobre todos os tijolos que precisará colocar na parede ou no prédio inteiro, cada tijolo pesará insuportavelmente.

Assim, foi apanhado novamente de surpresa. Dores, a princípio leves, despertaram novamente sua atenção para aquele corpo que ele não reconhecia mais como seu. Isso vai passar, *tem* que passar, ele se prometia. Mas não conseguia deter o processo,

como também não o tinha conseguido no princípio. Ele perdeu a conta das horas e das dores que não podia dividir com ninguém, mesmo que houvesse alguém com ele.

Nesse momento, aconteceu o mais estranho de todos os fenômenos daqueles estranhíssimos dias. Algo, de dentro dele, começou a fazer pressão para sair, e não era apenas aquela criança incompreensível. Era algo maior e mais forte. Algo que tomou o seu raciocínio de assalto e o fez parar de pensar. Ele só conseguia sentir. Sentir animalmente. Ele ouvia uma voz gritando, sem que pudesse saber se era a sua. Seu corpo tinha adquirido uma inteligência disseminada, que ordenava atos sem que ele tivesse consciência de que plano estava sendo seguido. Ele expulsava, das entranhas, líquidos, humores, tecidos, sons, sopros, dores. Ele se abria por inteiro, sem atinar como virava do avesso sem morrer.

De súbito, tudo parou. O turbilhão virou silêncio. Devagar, ele voltou a pensar, sem entender o que tinha acontecido. Sentou-se e procurou em volta os resquícios do parto. Nada. Não encontrou *nada*. Então, olhou para seus braços e pernas, tocou o rosto, olhos e lábios. Enfim, compreendeu.

Havia parido a si mesmo.